

Vinte homens contra o crime

Carlos Carone

Uma existência de 200 anos e muita história para contar. A Polícia Civil brasileira completa seu bicentenário, marcado por mudanças que transformaram o órgão numa das unidades policiais mais atuantes do País. Há 50 anos, antes de se tornar respeitada nacionalmente pela tecnologia de ponta que utiliza para solucionar crimes, a Polícia Civil do Distrito Federal se resumia a 20 homens que, desarmados, tinham a responsabilidade de tomar conta dos canteiros de obras durante a construção da capital.

A história dos policiais civis no DF começou em 31 de janeiro de 1956, quando o então presidente da República Juscelino Kubitschek tomou posse. Em 19 de setembro de 1956, foi criada a Companhia Urbanizadora da Capital (Novacap), encarregada da seleção de pessoal para cuidar do patrimônio, como materiais pesados e edificações.

Para manter vigilância sobre o maquinário usado nas obras de Brasília, o presidente da Novacap na época, Israel Pinheiro, pediu destacamento policial ao governo de Goiás, pois os furtos começavam a ocorrer. O pedido não foi atendido sob a alegação de que Goiás não poderia interferir nos problemas daquela região enquanto não fosse oficializada a mudança da capital — o Rio de Janeiro — e firmada a ordenação jurídica de Brasília.

A necessidade de aparato policial, porém, era urgente. Israel Pinheiro propôs ao conselho administrativo da Novacap a criação de força policial específica para Brasília. E foi criada, em 28 de fevereiro de 1957, a Divisão de Segurança Pública (DSP). O novo departamento funcionava de forma precária em um galpão da Novacap em uma área onde hoje existe a Candangolândia.

A DSP contratou 20 homens em caráter de urgência. O grupo formou a Guarda Policial (GP). Os novos homens da lei faziam o policiamento da área urbana que

Os profissionais da primeira Polícia Civil do DF deveriam ser solteiros, corajosos e de espírito aventureiro

se limitava ao Núcleo Bandeirante e à sede da Novacap. E ainda deveriam zelar pela segurança das autoridades vinculadas ao Governo Federal que trabalhavam na direção das obras. Os profissionais que formavam a primeira Polícia Civil do DF não tinham alto grau de instrução, já que tudo foi criado às pressas. Também não recebiam o treinamento ideal para exercer a função. De início, andavam desarmados — portavam só um cassetete de madeira confeccionado na serralheria da Novacap. O traje era civil, porém, acreditando que com a medida poderiam impor mais autoridade, os policiais providenciaram a confecção de uma farda cáqui.

O processo de incorporação na GP era simples, pois não exigia conhecimento prévio. Eram admitido os corajosos e de espírito aventureiro. Os homens deveriam ter mais de 1,70m de altura e experiência nas Forças Armadas. Era interessante para o comando da GP que fossem solteiros ou que não tivessem família em Brasília. A corporação queria dedicação exclusiva.

O grupo era chefiado pelo coronel da reserva da Polícia Militar do Rio de Janeiro Antônio Muzzi Alves Pinto, amante inveterado do futebol. Os agentes que se destacavam nos jogos, que ficava nos fundos da Novacap, eram chamados para integrar a força policial — Muzzi pretendia formar um time de futebol. Com a dedicação do coronel da reserva, a equipe acabou saindo do papel.



VETERANOS LEMBRAM, AO JORNAL DE BRASÍLIA, DOS TEMPOS EM QUE FORMAVAM A GUARDA POLICIAL: CONTRATADOS EM REGIME DE URGÊNCIA